

**RECIFE NO INÍCIO DO SÉCULO XX PELAS LENTES DA BIOGRAFIA DO DR.
ISAAC SALAZAR**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-157>

Data de submissão: 10/04/2025

Data de publicação: 10/05/2025

Paulo Thiago Gomes da Silva

Graduando em Bacharelado em Medicina
Universidade Católica de Pernambuco
pthiago@gmail.com
ORCID: 0000-0002-3288-6833
Lattes: 7894781980875498

Paulo Matheus Gomes da Silva

Graduando em Bacharelado em Medicina
Universidade Federal de Pernambuco
pmatheusg@gmail.com
ORCID: 0009-0002-7334-9177
Lattes: 0353806743005048

Bruno Pinheiro de Oliveira

Graduando em Bacharelado em Medicina
Universidade Católica de Pernambuco
brunoopinheiro28@gmail.com
ORCID:0009-0001-5936-4365
Lattes:5945092584216594

Ana Beatriz Rocha de Oliveira

Graduanda em Bacharelado em Medicina
Universidade Católica de Pernambuco
anabeatriz.ro99@gmail.com
ORCID: 0009-0005-4889-8918
Lattes: 1775923401049468

Rogério Luiz dos Santos Freitas

Graduando em Bacharelado em Medicina
Universidade Católica de Pernambuco
rogerio.06351@unicap.br
ORCID: 0009-0009-7302-1885
Lattes: 1977208646959601

Vitoria Carvalho de Brito

Graduanda em Bacharelado em Medicina
Universidade Católica de Pernambuco
vitoriacarvalhobrito2@gmail.com
ORCID: 0000-0002-2796-3902
Lattes: 5673370528645034

Victória de Luna Falcão

Graduanda em Bacharelado em Medicina
Universidade Católica de Pernambuco
victoria.2021106398@unicap.br
ORCID: 0000-0001-8985-4085
Lattes: 0348123950569957

Tainá Maria de Souza Vidal

Docente na Escola Superior de Educação Física
Universidade de Pernambuco
E-mail: taina.vidal@upe.br
ORCID: 0000-0003-3828-7310
Lattes: 1364722062451409

RESUMO

Este artigo propõe a reconstrução da trajetória de Isaac Salazar da Veiga Pessoa (1884–1941), médico pernambucano, primeiro catedrático de oftalmologia da Faculdade de Medicina do Recife e figura marcante da medicina e do ensino superior no Brasil do início do século XX. Partindo da constatação de que seu nome ainda resiste em placas de ruas e edifícios da cidade, mas sua história permanece pouco conhecida, o estudo se apoia em uma extensa investigação documental realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, que resultou em 3.607 registros, principalmente em periódicos de Pernambuco e do Rio de Janeiro. A partir desses documentos, traçou-se uma narrativa dividida em quatro eixos temáticos: a formação intelectual e familiar de Salazar; sua atuação como médico, educador e participante ativo na vida urbana recifense; o episódio mais emblemático de sua carreira — a cirurgia ocular realizada no Padre Cícero, no sertão cearense; e, por fim, o legado deixado por sua prática clínica e docente, perpetuado por instituições e discípulos. Ao longo de sua trajetória, Salazar se destacou no combate ao tracoma, na fundação da revista *Archivos de Hygiene* e na criação da Faculdade de Medicina do Recife, onde lecionou e se consolidou como referência nacional na oftalmologia. Seu legado se estende pela atuação de figuras como Altino Ventura, seu primeiro interno e fundador da Fundação Altino Ventura — hoje uma das maiores instituições filantrópicas da oftalmologia brasileira — e por seu sucessor como catedrático na Faculdade de Medicina, o Dr. Clóvis Paiva. O estudo também indica lacunas ainda pouco exploradas, como sua atuação no Hospital Centenário, atual Hospital dos Servidores, fundado com apoio de seu padrinho de casamento e colega de faculdade, e posteriormente estatizado durante o Estado Novo — um episódio que, segundo fontes orais, teria sido motivo de profundo desgosto em seus últimos anos. Embora o artigo se fundamente em ampla documentação, reconhece-se a limitação das fontes majoritariamente jornalísticas, muitas vezes opinativas ou imprecisas, o que confere ao trabalho um caráter introdutório e sinaliza a necessidade de aprofundamentos futuros. Mais do que apenas recuperar uma biografia apagada, o artigo convida à reflexão sobre os mecanismos de construção da memória urbana, propondo que os nomes estampados em placas de ruas sejam compreendidos como testemunhos vivos de trajetórias humanas complexas, muitas vezes esquecidas, mas fundamentais para a compreensão das raízes da medicina e da sociedade brasileira. Ao lançar luz sobre a figura de Salazar, o trabalho busca não apenas restaurar sua visibilidade histórica, mas também inspirar novas investigações que revelem outros personagens que, como ele, ainda aguardam para serem enxergados pela história.

Palavras-chave: Isaac Salazar. Faculdade de Medicina do Recife. Oftalmologia. Biografia. Padre Cícero.

1 INTRODUÇÃO

A memória de uma cidade não se restringe às suas ruas, praças e edifícios — ela pulsa nas histórias daqueles que ajudaram a moldá-la. No entanto, nomes grafados em placas de logradouros muitas vezes se tornam silêncios urbanos, quando as trajetórias de quem os sustentam são esquecidas com o tempo. É o caso do médico pernambucano Isaac Salazar, cuja biografia permanece pouco conhecida, apesar de sua significativa contribuição à medicina, ao ensino superior e à saúde pública no Brasil.

Este trabalho nasce do desejo de reconstruir a trajetória de Salazar, primeiro professor catedrático de oftalmologia da Faculdade de Medicina do Recife, médico respeitado e figura ativa na vida cultural e científica do Recife do início do século XX. Seu nome, ainda presente em ruas e edifícios da capital pernambucana, contrasta com a escassez de registros sistematizados sobre sua vida e atuação como médico e professor, fato que evidencia um apagamento histórico comum a tantas figuras importantes da ciência brasileira.

Para isso, realizou-se uma investigação documental com base em pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira utilizando o termo “Isaac Salazar” em todos os períodos e periódicos disponíveis em Pernambuco, Bahia, Ceará e Rio de Janeiro, com os seguintes resultados: 3.493 menções em jornais de Pernambuco, 114 registros no Rio de Janeiro, então capital do país, e nenhum resultado nos estados do Ceará, onde realizou o feito mais conhecido de sua carreira, e Bahia, onde cursou parte da graduação médica. O levantamento totalizou 3.607 ocorrências documentais, que, analisadas em conjunto, permitiram a reconstrução de uma narrativa biográfica rica e contextualizada.

O percurso deste texto é dividido em quatro seções temáticas. A primeira, "Raízes e formação intelectual", aborda sua origem familiar e trajetória de estudos em instituições pioneiras do ensino médico no Brasil. A segunda, "Médico, professor, marido, militar ... e detetive?", explora os primeiros anos de sua prática médica, sua atuação na saúde pública, o início da vida docente e aspectos pouco conhecidos de sua biografia. A terceira seção, "Quando a ciência toca o santo: o médico-professor que operou o Padre", traz à tona sua atuação como cirurgião, com destaque para o episódio mais midiático de sua carreira: a cirurgia ocular realizada no Padre Cícero, uma intervenção de grande repercussão à época. Por fim, a quarta seção, "O legado", percorre sua vida pessoal, os vínculos sociais e o modo como sua memória foi preservada — ou esquecida — nos espaços urbanos do Recife, refletindo sobre a permanência de sua influência nas práticas médicas e acadêmicas.

Mais do que recuperar os passos de um médico notável, este trabalho busca lavar os olhos da história para que se enxergue com nitidez um personagem cuja trajetória ainda ilumina as raízes da medicina pernambucana e brasileira.

2 RAÍZES E FORMAÇÃO INTELECTUAL

Isaac Salazar da Veiga Pessoa nasceu em 11 de abril de 1884, na cidade do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. Era filho do desembargador Luiz Salazar da Veiga Pessoa (1857 – 1934), figura conhecida no meio jurídico e nos círculos culturais do Recife do início do século XX. O pai de Isaac, além de sua atuação no Direito, era lembrado por seu espírito irreverente e presença marcante nos salões boêmios e literários da capital pernambucana (DESEMBARGADOR [...], 1934; COSTA, 1989a).

Um episódio que ilustra bem a personalidade do desembargador foi relatado por Mauro Mota (1908–1983) — poeta, jornalista, gestor cultural e imortal da Academia Brasileira de Letras, uma das vozes mais influentes da cultura pernambucana no século XX (AMARAL, 2021). Mota narra o seguinte caso ocorrido no famoso Café Lafayette, instalado à Avenida Guararapes – tradicional ponto de encontro da fina flor da sociedade recifense entre as décadas de 1920 e 1930 (COUCEIRO, 2007), havia, no sanitário, um cartaz onde se lia: “É proibido deffecar no chão”. O Dr. Luiz Salazar, que além de magistrado era poeta irônico, acrescentou ao aviso os seguintes versos: “Quem foi esse mequetrefe / Que escreveu tal maravilha / Quem defeca com dois efes / Limpa o ... com cecidilha.” (SILVA, 1984).

Assim como seu pai, desde cedo Isaac demonstrou afinidade com os estudos. Iniciou sua formação secundária no prestigiado Ginásio Pernambucano — uma das instituições de ensino mais tradicionais e respeitadas de Pernambuco — onde, segundo registros da época, estudou entre os anos de 1903 e 1906. Naquele tempo, era comum que os resultados das provas dos alunos fossem publicados na imprensa local, e é justamente por meio desses registros que se pode traçar parte da caminhada educacional de Salazar. O jornal Diário de Pernambuco, em sua edição de 3 de março de 1903, trouxe a primeira menção localizada para este trabalho acerca de provas escolares (DIA [...], 1903), enquanto o periódico A Província, em 23 de janeiro de 1906, registra sua participação mais recente encontrada em avaliações realizadas no Ginásio, permitindo assim reconstituir parte de sua trajetória acadêmica (EXAMES, 1906).

Fundado em 1825, o Ginásio consolidou-se como um dos principais centros de ensino da província, sendo responsável pela formação de diversas figuras ilustres da história política, cultural e científica do Brasil. Entre seus ex-alunos notáveis estão Clarice Lispector, Ariano Suassuna, Epitácio Pessoa, Celso Furtado, Assis Chateaubriand, Agamenon Magalhães, Amaury de Medeiros, João Barbalho Uchôa Cavalcanti, Joaquim Cardozo, Joaquim Francisco e José Lins do Rego (GASPAR, 2003). O Ginásio, que oferecia uma formação humanística com forte ênfase em artes, ciências e línguas, proporcionava aos seus alunos um ambiente de excelência e efervescência intelectual, elementos decisivos para o amadurecimento acadêmico do jovem Isaac. Hoje, o prédio histórico

localizado na Rua da Aurora, às margens do Rio Capibaribe, no bairro de Santo Amaro, com uma unidade secundária situada na Avenida Cruz Cabugá, também em Santo Amaro, caminha para celebrar seu bicentenário em 1º de setembro de 2025 (GOMES, 2025).

A sólida formação recebida no Ginásio pavimentou o caminho para sua entrada na mais antiga instituição médica do país, fundada em 1808: a Faculdade de Medicina da Bahia (FENELON, 2022; COSTA, 1989a). Lá estudou até o quarto ano do curso, antes de se transferir para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde concluiu sua graduação em 1911 (COSTA, 1989a). Durante sua formação, teve como mentor o renomado oftalmologista sergipano José Antônio de Abreu Fialho (1874-1940), fundador da Sociedade Brasileira de Oftalmologia em 1922 foi um pioneiro na área, com importantes publicações, como “A oculística perante a patologia”. Membro da Academia Nacional de Medicina e professor catedrático, ele teve diversas passagens pela Europa deixando um legado significativo para a medicina brasileira. (ANM, c2025).

Trabalhar com um dos principais nomes da história da oftalmologia brasileira e ter o privilégio de estudar nas duas primeiras instituições de educação médica nacionais, marcaria profundamente a trajetória do pernambucano. Cabe destacar que essas escolas mantinham um elo robusto com Pernambuco: o médico José Correia Picanço (1745 – 1823), natural do Recife, além de famoso por realizar no Hospital Militar do Recife o primeiro parto cesáreo com a parturiente viva, foi o principal idealizador das duas instituições médicas onde estudou Salazar. (VALENÇA; CRUZ, 2022).

Tal qual o Dr. Picanço, Isaac começava a traçar uma brilhante carreira médica, movido pela mesma chama que une os que fazem da ciência não apenas profissão, mas missão. Ao transitar pelos claustros do Ginásio Pernambucano e pelas históricas faculdades da Bahia e do Rio, Salazar não apenas recebia um preparo intelectual de alto nível — ele se somava a uma linhagem de pessoas que fizeram da medicina uma vocação e da educação um legado. Cada passo dado entre essas instituições era também um gesto de inscrição simbólica na história. Em breve, esse jovem médico, moldado pela cultura e ciência, começaria a aplicar seus saberes com um olhar voltado não apenas para a cura, mas também para a transformação social.

3 MÉDICO, PROFESSOR, MARIDO, MILITAR ... E DETETIVE?

Ao concluir sua formação acadêmica, narrada na seção anterior, Isaac Salazar inicia um novo ciclo em sua trajetória, retornando ao Recife com o diploma de médico e o entusiasmo de quem se prepara para aplicar, na prática, os conhecimentos adquiridos nas mais prestigiadas instituições do país. A capital pernambucana, ainda marcada por desafios sanitários e sociais no início do século XX, se

tornaria o cenário onde ele consolidaria sua reputação profissional e pessoal ao longo dos anos seguintes.

Em seu primeiro ano como médico, Salazar realizou um trabalho científico dedicado ao tracoma — uma grave endemia ocular que assolava a população nordestina naquele período. Segundo relato de Abreu Fialho, citado por Luiz Wilson, foi Salazar quem assinou o primeiro estudo brasileiro sobre a doença. A pesquisa, concluída em 1912, apresentava uma estatística pacientemente coletada com o objetivo de evidenciar a frequência do tracoma em Pernambuco e sua ampla disseminação para o interior do estado (COSTA, 1989c). O interesse pela enfermidade levou Salazar a se candidatar ao cargo de médico escolar da Saúde Pública, conquistando o primeiro lugar entre numerosos concorrentes (ASSISTENCIA [...], 1923). Décadas mais tarde, o oftalmologista Altino Ventura destacaria, em matéria publicada no Diário de Pernambuco em 1989, que o estudo revelava "seguros conhecimentos acerca da terrível endemia, apreciando os problemas sob o aspecto sanitário e propondo soluções que ainda hoje merecem ser executadas" (COSTA, 1989a).

É importante contextualizar que o tracoma, causado pela bactéria *Chlamydia trachomatis*, provoca uma infecção crônica nos olhos, resultando em inflamação e cicatrizes na conjuntiva. No início do século XX, essa enfermidade era uma das principais causas de cegueira evitável no Brasil, especialmente nas regiões mais pobres do Nordeste, onde as condições sanitárias precárias favoreciam sua propagação. Embora o governo brasileiro tenha adotado algumas medidas para conter a doença — como a criação de serviços de tratamento e a proibição do desembarque de imigrantes contaminados —, o tracoma permaneceu como uma das principais preocupações de saúde pública nas décadas seguintes (SCARPI, 1991).

Os primeiros passos de Isaac Salazar em eventos médicos de grande repercussão ocorreram ainda durante seu último ano como estudante da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1º de junho de 1911, por volta das 17h, um paredão de aproximadamente 16 metros de altura desabou na Rua Sigismundo Gonçalves, no Recife, atingindo a conhecida Joalheria Krause Sobrinhos. O acidente provocou a morte de dois operários e deixou diversos feridos. Na ocasião, Salazar, que estava na cidade, participou dos atendimentos emergenciais juntamente com os médicos Silva Ferreira e Selva Júnior, o acadêmico João Costo e os farmacêuticos Duarte Diniz e Umbelino Alves (HORRÍVEL [...], 1911).

A partir de sua formatura, Salazar passou a ter sua atuação amplamente registrada pela imprensa local, especialmente por seu envolvimento com a saúde pública. Em 5 de setembro 1912, o Jornal do Recife já apresentava publicações que apresentava Isaac como médico escolar. Nessa função, ele realizava visitas a instituições de ensino e colaborava diretamente no diagnóstico e tratamento de

doenças oculares em crianças, com ênfase no combate ao tracoma — uma endemia que exigia diagnósticos precisos e protocolos de contenção (INSTRUÇÃO [...], 1912). Ainda nesse período, integrou o corpo médico da Sociedade de Pecúlios e Rendas por Mutualidade, conhecida como “A Americana”, evidenciando sua inserção em espaços institucionais de assistência médica coletiva (A AMERICANA, 1913).

Também em setembro de 1912, Salazar participou do atendimento a um dos episódios mais dramáticos da história da medicina escolar no Recife. No Colégio Jaqueira, 89 crianças entre seis e nove anos foram medicadas com um vermífugo rotulado como “semem-contra”, que na verdade continha colchico — um potente tóxico gastrointestinal. O erro de rotulagem, atribuído à Farmácia e Drogaria Conceição, que por sua vez responsabilizou o Hospital Pedro II, resultou na morte de 43 crianças. Isaac Salazar esteve entre os primeiros médicos a prestar socorro, ao lado de profissionais consagrados como Constâncio Pontual, Martins Costa, Lins e Silva, Francisco Constantino, e Souto Maior (FATAL [...], 1912).

Dois anos depois, em agosto de 1914, Salazar participou de uma reunião convocada pelo Dr. Gouveia de Barros com o objetivo de deliberar sobre a criação de uma revista médica especializada. Dessa iniciativa nasceu a *Archivos de Hygiene*, publicação voltada à difusão de conhecimentos relacionados à medicina pública e tropical, em sintonia com os desafios sanitários que marcavam o país naquele início de século (ARCHIVOS [...], 1914)

No mês seguinte, precisamente em 7 de novembro de 1914, Isaac Salazar celebrou seu casamento civil com Carolina Braz da Cunha, filha do engenheiro e industrial Antônio Braz da Cunha (CASAMENTO, 1914). Braz, então Vice-Provedor da Santa Casa de Misericórdia do Recife, foi o fundador e administrador da Fábrica da Macaxeira, empreendimento inicialmente modesto, com poucos operários e sem grandes expansões. Apenas em 1925, quando a fábrica foi vendida a Othon Bezerra de Mello, iniciou-se um processo de modernização e ampliação das operações, transformando o negócio em um marco do desenvolvimento industrial do Recife, com reflexos diretos na economia local e na estruturação de uma vila operária (MORAES, 2019).

A cerimônia civil do casamento ocorreu na residência do pai da noiva, localizada na Rua Payssandu, no bairro da Madalena. Já o casamento religioso foi realizado na Capela do Colégio Estância. Os padrinhos do noivo foram o Dr. Fernando Simões Barbosa e sua esposa; os da noiva, o Dr. Luiz Correia de Brito e sua esposa (CASAMENTO, 1914). Após o matrimônio, Isaac Salazar estabeleceu residência em diversos endereços ao longo dos anos, conforme registros da imprensa da época: inicialmente na Rua Bispo Cardoso Ayres, nº 20 (O GATUNO [...], 1915); posteriormente na Rua Payssandu, nº 622 (CLINICA [...], 1922); em seguida na Avenida Conde da Boa Vista, nº 105

(PROFISSIONAES, 1927); e, por fim, na Avenida Rosa e Silva, nº 1002, onde viveu até seus últimos dias (FALECEU [...], 1941).

Entre 1914 e 1916, paralelamente à atuação clínica, Salazar também se dedicou à docência. Lecionou disciplinas como álgebra, física, química, inglês e história natural em instituições de ensino tradicionais da capital, como o Ginásio do Recife (localizado na Rua do Hospício), o Colégio Santa Margarida e a Academia de Comércio. As menções na imprensa demonstram que sua atuação como professor ocorreu de forma alternada nessas instituições, em consonância com as demandas das instituições e seus compromissos profissionais. Mais do que uma ocupação complementar, o ensino se apresentava como uma expressão de seu compromisso com a formação intelectual da juventude recifense, o que se intensificaria nos anos seguintes, com sua ascensão à docência universitária. (GYMNASIO [...], 1914; COLLEGIO [...], 1915; GYMNASIO [...], 1916; MOVIMENTO [...], 1916)

Além de seu prestígio como médico e educador, Isaac Salazar protagonizou também alguns episódios curiosos que ecoavam o espírito irreverente de seu pai no episódio do Café Lafayette. Em novembro de 1915, um acontecimento inusitado foi registrado pelo Jornal do Recife, revelando uma faceta pouco convencional do doutor Salazar:

O gatuno das roseiras – O individuo Antonio Gomes, trasantehontem, á noite, furtou do jardim da casa de residência do ilustre facultativo Dr. Isaac Salazar, á rua do Bispo Cardoso Ayres, diversas roseiras e palmeiras, indo pela manhã de ante-hontem vendel-as á rua Formosa. Tendo sciencia do que se passara o dr. Salazar dirigio-se á citada rua, prendendo o gatuno e levando-o para a chefatura de policia, em cujo xadrez ficou o mesmo detido. Antonio Gomes, não é a primeira vez que assalta jardins no intuito de roubal-os, convindo portanto que a policia o tenha em usas malhas por algum tempo (O GATUNO [...], 1915).

Em janeiro de 1916, Isaac Salazar transferiu seu consultório para a Rua Duque de Caxias, nº 88, ocupando o espaço anteriormente utilizado pelo médico oculista Francisco Pereira da Silva, a quem Salazar auxiliava, falecido em dezembro de 1915 (DR. ISAAC [...], 1916). Nesse novo endereço, passou a dividir o consultório com o amigo e padrinho de casamento, o Dr. Fernando Simões Barbosa, reforçando os laços profissionais e afetivos que cultivara ao longo dos anos (INDICADOR [...], 1916). Já em 1920, anunciou a mudança para um novo consultório, situado na Rua Barão de Victória, nº 163, sobre a antiga casa Sloper. Essa via, posteriormente rebatizada como Rua Nova, tornou-se o endereço definitivo de sua prática médica, onde Isaac Salazar atenderia seus pacientes até o fim da carreira médica (AVISO, 1920). Entre 1º de janeiro de 1941 e 30 de março do mesmo ano, data de seu falecimento, teve ainda a oportunidade de dividir esse espaço profissional com seu filho, o oftalmologista Roberto Salazar, em um elo simbólico de continuidade entre gerações (FALECEU [...], 1941).

Mais do que um médico reconhecido por sua habilidade técnica, Isaac Salazar era admirado pelo cuidado e atenção dedicados aos seus pacientes — qualidades que frequentemente transbordavam em gestos públicos de gratidão. Um, dentre não raros exemplos, desses momentos ocorreu em 1916, quando Joseph Emai, um de seus pacientes, publicou no Jornal do Recife uma carta de agradecimento, intitulada “Ao illustre medico oculista dr. Isaac Salazar”, após ser submetido a uma bem-sucedida cirurgia de catarata:

Operando de uma catarata com êxito brilhantíssimo, venho por meio deste, agradecer-lhe pela delicadesa (sic), assiduidade e até carinho que me dispensou durante todo o tempo que me tratou. A qualidade do exímio operador, reúne v.s. as do verdadeiro fidalgo de fina educação, e pela delicadeza que sae dispensar aos seus doentes, vae fazendo dia a dia aumentar a sua já numerosa clientela. Peço-lhe desculpa se com estas palavras, ofendo sua modéstia, apanagio dos homens de talento, mas precisava fazer publica a minha eterna gratidão. Recife, 14 de outubro de 1916 (EMAIY, 1916).

Esse testemunho comovente revela não apenas a excelência clínica de Salazar, mas sobretudo a confiança, o afeto e o respeito que despertava em seus pacientes — um reflexo de sua ética, sensibilidade e dedicação à medicina enquanto missão humana.

Isaac Salazar integrou a linha de frente no combate à gripe espanhola em 1918, atendendo ao chamado da Segunda Região Militar (NOTÍCIAS [...], 1918). No dia seguinte à convocação, seu nome já figurava no noticiário local pelo trabalho realizado no posto de saúde do Arrayal, onde prestava assistência a pacientes com suspeita da doença (DIRECTORIA [...], 1918). Pouco depois, foi nomeado, ao lado de Arthur Sá Cavalcanti (otorrinolaringologista) e Diniz Passos (clínico), para compor o quadro médico da Inspeção Sanitária Escolar, em colaboração com o dentista Dr. Bertholdo Azevedo (PERNAMBUCO, 1918). A pandemia da gripe espanhola, que assolou o Brasil entre 1918 e 1919, expôs com crueza as fragilidades das políticas públicas de saúde, a escassez de recursos e a negligência institucional diante de uma tragédia de proporções inéditas. Em diversas capitais, como Recife, Salvador e São Paulo, a mortalidade atingiu níveis alarmantes, agravada pela ausência de registro de muitos óbitos e pela ineficácia de medidas paliativas como o uso indiscriminado de quinino. Em meio ao caos, a atuação de médicos como Salazar revelava-se essencial, especialmente nas comunidades mais vulneráveis, onde a precariedade das condições sanitárias favorecia a propagação da enfermidade e tornava a assistência médica uma questão de sobrevivência (PREDEBON, 2021).

Dois anos depois, em abril de 1920, um novo episódio viria evidenciar as tensões entre o poder público e os profissionais da saúde. Uma matéria veiculada na imprensa local criticava severamente a decisão do governador de dispensar dois dos três médicos escolares então em atividade, entre eles o Dr. Isaac Salazar, sob a justificativa de contenção de despesas. A crítica era enfática ao apontar que, mesmo diante do avanço do tracoma nas escolas, apenas um otorrinolaringologista permaneceu no

cargo, insuficiente para enfrentar a gravidade do problema que assolava as instituições de ensino da capital (A HIGIENE [...], 1920).

Apesar dos reveses e das omissões do poder público, a trajetória de Isaac Salazar seguiria marcada por uma atuação comprometida com as urgências sanitárias de sua época e pela busca constante de caminhos para institucionalizar e fortalecer a medicina em Pernambuco. Essa vocação ganharia novo fôlego com sua participação ativa no movimento pela criação da Faculdade de Medicina do Recife — um marco na história do ensino médico no Nordeste — e alcançaria repercussão nacional com aquele que se tornaria o feito mais emblemático de sua carreira: a cirurgia de catarata realizada em Padre Cícero, em pleno sertão do Ceará.

4 QUANDO A CIÊNCIA TOCA O SANTO: O MÉDICO-DOCENTE QUE OPEROU O PADRE

A dispensa de Isaac Salazar do serviço médico escolar, ocorrida em abril de 1920, não significou um afastamento da vida pública, tampouco um arrefecimento de sua vocação para o ensino e a medicina. Pelo contrário: apenas três meses depois, ele estaria entre os nomes que marcariam um dos momentos mais simbólicos da história da medicina em Pernambuco. No dia 16 de julho de 1920, ao meio-dia, foi solenemente inaugurada a Faculdade de Medicina do Recife, instalada na Rua do Sebo. Sob o comando do Dr. Otávio de Freitas, com Tomé Dias lavrando a ata da cerimônia, a ocasião reuniu vultos da elite médica e acadêmica da capital, todos trajando o rigor formal de seus tempos — roupas escuras, chapéus coco e, nos dedos, o anel de grau cintilando como símbolo de uma nova era do saber médico (ROCHA, 1960).

Ali estavam sentados os primeiros mestres da nova escola: Arnobio Marques, Edgar Altino, Costa Ribeiro, Mario Ramos, Costa Carvalho, Lins e Silva, Arsenio Tavares, Monteiro de Moraes, Fernando Simões Barbosa, Antônio Inácio, João Marques, Arthur Sá, o farmacêutico Braga Guimarães — e Isaac Salazar. O nome do oftalmologista e professor já figurava entre os fundadores, confirmando a força de sua reputação e a confiança depositada em sua experiência e espírito educador. No dia seguinte, a primeira aula seria ministrada pelo professor Luiz de Gois, titular da cadeira de Histologia, inaugurando academicamente a instituição que moldaria gerações de profissionais da saúde (ROCHA, 1960).

A atuação de Salazar como docente universitário, somada à sua intensa prática clínica, lhe conferia uma autoridade médica cada vez mais reconhecida — não apenas nos meios técnicos, mas também junto à população e aos seus pares. Em 26 de junho de 1923, o Diário de Pernambuco publicou uma emocionada nota de agradecimento redigida pelo Dr. Regueira Costa, então Lente da Faculdade

de Medicina e Pharmácia de Pernambuco e Diretor de Instrução e Higiene Municipal. Ele expressava, publicamente, sua gratidão ao médico que lhe restituíra a visão com uma cirurgia precisa e indolor:

Entre as formulas pelas quaes se exteriorisa a gratidão, a publicidade ao acto incitador desse sentimento, é um estímulo para quem o exerce, e ao mesmo tempo um allivio para aquelle sobre quem incide a acção bemfazeja. Soffrendo, há mezes, de perturbações serias no aparelho visual, estas rugmentaram a ponto de ser imprescindível uma operação cirúrgica. Foi feita a intervenção pelo ilustrado medico oculista Dr. Isaac Salazar, em quem a pericia de clínico especialista, se allia à nobreza de trato captivante, do homem finamente educado. Nenhuma dor experimentei, e o órgão affectado, está restituído à normalidade de suas funções. Tenho pois, a satisfação de recomendar o distincto cirurgião, a quantos se encontrem na contigencia de tratamento de qualquer enfermidade do aparelho visual. Furtar-me a esse dever, fora praticar um acto de deshumanidade, que não ficaria bem ao signatário destas linhas, pelo facto de ser medico e bem comprehender os deveres impostos pela sua profissão para com a sociedade em que vive. Em 25 de junho de 1923. Dr. Regueira Costa (COSTA, 1923).

A primeira turma da Faculdade de Medicina do Recife foi graduada em 1925, e a celebração de sua formatura foi registrada com destaque pelo Diário de Pernambuco em 11 de dezembro daquele ano (DOUTORES [...], 1925). A matéria exaltava uma placa comemorativa idealizada por Henrique Moser, cujo centro trazia uma cena emblemática: dois cirurgiões “cloroformizando” um paciente, prontos para iniciar uma operação. Ao fundo, pela vidraça, via-se o esboço do futuro edificio da Faculdade, em construção no Derby — imagem que condensava, em uma só moldura, a tradição e a promessa do saber médico.

As extremidades do quadro celebravam o centenário do próprio jornal, representando suas máquinas de impressão e as fachadas que testemunharam o progresso do Recife. Ao centro da composição simbólica, porém, estavam os nomes que forjaram a identidade da nova escola médica. Entre os retratados figuravam Sérgio Loreto, governador benemérito cuja contribuição foi decisiva para a consolidação da Faculdade, e o Dr. Octávio de Freitas, seu diretor e paraninfo da turma inaugural. Dentre os docentes homenageados pelos formandos, destacava-se o nome de Isaac Salazar, ao lado de Arnóbio Marques, Oscar Coutinho, Luiz de Góes, Gilberto Fraga, Souto Maior e João Marques — todos, figuras que deixaram marcas indeléveis nos primeiros passos da instituição (DOUTORES [...], 1925).

Na parte inferior da placa, figurava o nome do farmacêutico Mário Xavier Carneiro da Cunha, representando a saudade por aquele que acompanhara a turma até o terceiro ano. Ao seu lado, estavam os nomes dos primeiros médicos formados pela Faculdade de Medicina do Recife: Annibal Bruno de Oliveira Firmo, bacharel em Direito; João da Silva Corrêa de Andrade, bacharel em Direito; Antônio Ignácio de Barros Ribeiro, bacharel em Direito e farmacêutico; Argemiro Costa Filho, farmacêutico; Benedicto Alves de Carvalho, farmacêutico; e Porphirio de Andrade Sobrinho, também farmacêutico. A Medicina, para todos eles, era uma segunda — ou até terceira — graduação, revelando uma formação

acadêmica ampla e um percurso profissional já iniciado antes do ingresso no curso: algo que, inclusive, está voltando a ser comum nos tempos atuais. Ademais, todos eram naturais de Pernambuco, com exceção de Antônio Ignácio, da Paraíba, e Argemiro Costa, de Alagoas (DOUTORES [...], 1925).

Em junho de 1934, Isaac Salazar foi chamado para o ato de maior repercussão de sua carreira. Atravessou os sertões rumo ao Juazeiro do Norte para realizar uma cirurgia de catarata no já ancião Padre Cícero Romão Batista, que, aos 90 anos, padecia de diversas moléstias, incluindo uma cegueira que o acompanhava havia quase cinco anos (O PADRE [...], 1934). Reverenciado como santo por milhões de nordestinos, o "Padim Ciço" conseguiu um empréstimo de 20 mil cruzeiros junto a Antônio Pita para custear a vinda do cirurgião ao Cariri, evitando a fatigante jornada até o Recife (UMA OPERAÇÃO [...], 1944).

A operação foi realizada no dia 14 de junho daquele ano. Salazar constatou que o olho esquerdo se encontrava irremediavelmente comprometido, mas a cirurgia no olho direito foi bem-sucedida. Há quem diga que o procedimento se deu de maneira insólita — numa rede, como exigira o próprio Padre Cícero —, episódio que teria sido, talvez, o primeiro e único ato cirúrgico oftalmológico realizado dessa forma no Brasil (COSTA, 1989b).

A viagem, de aproximadamente 700 quilômetros, foi registrada pelo Diário de Pernambuco e acompanhada por Galvão Raposo, então acadêmico de medicina e secretário de Salazar, que testemunhou de perto aquele momento histórico. Embora a intervenção tenha proporcionado uma sensível melhora na visão do Padre, o velho sacerdote viria a falecer pouco mais de um mês depois, em 20 de julho de 1934, aos 93 anos. A cirurgia, contudo, tornou-se um marco simbólico: a medicina recifense, representada por Isaac Salazar, tocava, com mãos de ciência e devoção, o rosto sagrado da fé popular nordestina (FALLECEU [...], 1934; GOETHE, 2015). A Figura 1 mostra uma foto de Isaac Salazar junto ao Padre Cícero no sertão do Cariri JUNIOR, 2021).

Figura 1. Isaac Salazar com Padre Cícero.



Fonte: (JUNIOR, 2021).

Dois anos mais tarde, em 1936, entre os formandos da Faculdade de Medicina do Recife, estava Altino Raphael Torres Ventura, o primeiro interno de oftalmologia do Professor Salazar (MÉDICOS [...], 1936). O legado do mestre, que já havia se firmado nos salões da docência e nos feitos clínicos, agora perpetuava-se em seus discípulos. Ao longo de sua carreira, Salazar deixou uma marca indelével na história da medicina pernambucana. Atuou em instituições fundamentais para a saúde pública e a inovação médica, como o Hospital Português — onde exerceu o cargo de médico substituto em um momento em que o hospital já somava mais de sessenta anos de serviços à comunidade. Foi também figura de destaque no centenário Hospital Pedro II, onde chefiou a clínica de olhos (JOSÉ; ABIB; ALVES, 2018), e integrou o corpo clínico liderado pelo respeitado Dr. Fernando Simões Barbosa no Hospital Centenário (DIOGENES [...], 1946).

No dia 30 de março de 1941, Isaac Salazar faleceu em sua residência, na Avenida Rosa e Silva, nº 1.002, aos 55 anos. Deixou viúva Carolina Barros da Cunha Salvador e cinco filhos — Dr. Roberto Salazar, também oftalmologista, Moacyr Salazar, Lúcia Salazar de Oliveira, Carolina Salazar e Hilda Salazar. Também deixou seus irmãos Fernando Salazar, clínico na Bahia, Luiz Salazar Filho, Arlindo Salazar, Jayme Salazar, Ricardo Salazar, Maria Argemira Salazar, Hilda Ferreira e Neusa Luiza Salazar. O enterro, numa despedida íntima e simbólica, ocorreu em sua própria casa, onde partiu (FALECEU [...], 1941). A Figura 2 mostra imagem de Isaac Salazar veiculada em jornal no dia de sua morte (DR. ISAAC [...], 1941).

Seu corpo foi velado em casa, onde também faleceu — uma despedida serena à altura da vida discreta que levou. Encerrou-se ali a trajetória de um médico que atravessou desafios sanitários, acadêmicos e sociais, deixando marcas no cuidado com os pacientes, na formação de alunos e na atuação em saúde pública. Isaac Salazar, ainda que de maneira indireta, plantou sementes ao longo de décadas, sementes que germinaram, criaram raízes, dando origem a ramificações duradouras na oftalmologia e na educação médica, que até hoje permanecem discretamente entrelaçadas na cidade do Recife.

Figura 2. Imagem de Isaac Salazar veiculada em jornal no dia de sua morte.



Fonte: (DR. ISAAC [...], 1941)

5 O LEGADO

O legado de Isaac Salazar não se encerrou com sua morte — ao contrário, ele se espalhou em múltiplas direções, atravessando gerações, instituições e práticas médicas. Um de seus frutos mais notáveis é a trajetória do oftalmologista Altino Raphael Torres Ventura, seu primeiro interno em oftalmologia. Em 1936, ao se formar pela Faculdade de Medicina do Recife, Altino iniciava um caminho que culminaria na criação, em 1986, da Fundação Altino Ventura (FAV), considerada hoje a mais importante instituição filantrópica de oftalmologia de Pernambuco — e uma das mais relevantes do Brasil. Atuando com foco na população carente, a FAV já ultrapassou 18,5 milhões de procedimentos realizados e oferece atendimento anual a milhares de pacientes em seu Centro Especializado em Reabilitação. Além da assistência médica, a fundação também é reconhecida por sua excelência no ensino e na pesquisa, formando oftalmologistas altamente qualificados e contribuindo ativamente para o avanço científico na área. É, em muitos sentidos, a continuidade viva da vocação de Salazar: servir, ensinar, transformar (FAV, c2024).

Esse espírito de continuidade também se manifesta no campo mais pessoal. Após sua morte, a cátedra de oftalmologia que ocupava foi sucedida por nomes igualmente comprometidos com o ensino e a prática médica, como o Dr. Francisco Figueiredo — que deixou a cadeira de Física Médica para dar continuidade ao trabalho de Salazar — e, posteriormente, Clóvis de Azevedo Paiva. Este último, em julho de 1952, foi responsável pelas primeiras cirurgias de catarata com implante de lente intraocular de Ridley realizadas em toda a América Latina, no Hospital Pedro II. Conquistou a cátedra de Oftalmologia com a tese “Sobre a ação hipotonizante da iridocleise de Holth no glaucoma primário simples”, e sua trajetória culmina com o feito de ter sido o primeiro ex-aluno a ocupar a diretoria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, entre 1965 e 1968, além de ter sido o último catedrático de Oftalmologia da instituição (JOSÉ; ABIB; ALVES, 2018).

A cidade do Recife, por sua vez, reconheceu simbolicamente a importância de Salazar ao nomear uma rua no bairro de Casa Amarela em sua homenagem, apenas três anos após sua morte. Esse reconhecimento, embora significativo, é insuficiente diante da profundidade de sua contribuição (AGREDIDO [...], 1944). Para o tamanho da figura de Salazar, nomes em placas de rua não bastam. É preciso lembrar que essas personalidades não apenas cruzaram caminhos físicos no Recife, mas compartilharam uma época, uma ética, um modo de ser médico que ainda hoje ecoa em instituições, práticas e memórias. A história de Salazar, portanto, não é apenas uma lembrança do passado: é uma presença que se renova sempre que um estudante de medicina se forma ou algum paciente entra na Santa Casa, no Hospital Português, no Hospital dos Servidores, na Fundação Altino Ventura ou na Clínica de Olhos Clóvis Paiva.

Mais do que homenagens formais, o verdadeiro legado de Salazar vive nos gestos que se perpetuam. Ele sobrevive nas gerações de médicos que formou direta ou indiretamente, nas instituições que ajudou a inspirar, e na forma como a medicina é exercida em Pernambuco — com rigor técnico, compromisso social e profundo respeito pelo outro. Compreender esse legado é mais do que fazer justiça histórica: é reconhecer que há raízes vivas ainda nutrindo o presente, e sementes que continuam a frutificar, discretas, porém constantes, como ele próprio foi em vida.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho procurou lançar luz sobre a trajetória de Isaac Salazar, médico, professor e cidadão do Recife, cuja atuação atravessou a ciência, o ensino e o cuidado humano. Ao revisitar sua biografia por meio de mais de três mil registros jornalísticos, pôde-se resgatar fragmentos de uma vida dedicada à saúde pública, à formação médica e à oftalmologia brasileira. Em meio aos desafios de seu

tempo, Salazar não apenas tratou doenças: ele fundou instituições, formou discípulos e construiu pontes entre saber e compaixão — marcas que ainda reverberam na medicina de Pernambuco.

Contudo, é preciso reconhecer que este estudo também possui limitações. Ao se basear majoritariamente em fontes jornalísticas, muitas vezes opinativas e carentes de precisão histórica, o artigo estabelece um ponto de partida, e não de chegada, para futuras investigações mais aprofundadas e documentadas. Aspectos fundamentais da vida e da atuação de Salazar ainda carecem de estudo sistemático, como sua participação no Hospital Centenário, atual Hospital dos Servidores do Estado, cuja fundação tem raízes na filantropia de seu padrinho de casamento, colega de cátedra e companheiro de ofício. Há relatos de que a estatização forçada do hospital durante o governo de Agamenon Magalhães, no Estado Novo, teria provocado um dos maiores desgostos de sua vida. Episódios como esse, tão reveladores quanto complexos, exigem uma pesquisa que vá além do que este artigo pôde alcançar.

Ao fim, mais do que apenas nomear logradouros, a cidade precisa reaprender a enxergar os rostos por trás das placas. Salazar é, ainda hoje, um nome fixado numa rua, mas sua história pulsa para além das esquinas. Ela vive nos hospitais que ajudou a erguer, nas salas de aula que inspirou, nos pacientes que voltou a fazer enxergar — literal e metaforicamente. Reconhecer sua carreira é também abrir os olhos para os muitos outros nomes que se perderam no tempo, cujas contribuições ainda aguardam por reconhecimento e registro. Que este trabalho inspire, portanto, novas investigações, capazes de enxergar com mais nitidez os muitos Salazares que, mesmo esquecidos, continuam a iluminar o caminho da medicina brasileira.

REFERÊNCIAS

A AMERICANA. Jornal do Recife, Recife, 2 ago. 1913, p. 1.

A HIGIENE escolar. A Província, Recife, 17 abr. 1920, p. 1.

AGREDIDO a socos por um marítimo. Diário de Pernambuco, Recife, 21 set. 1944, p. 3.

AMARAL, Tércio de Lima. É impossível substituir uma amizade fraternal: as conquistas de um intelectual em uma biografia de Mauro Mota (1908-1983). 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43485>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ANM - ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. José Antônio Abreu Fialho. Rio de Janeiro: Francisco Sampaio, [2025]. Disponível em: <https://www.anm.org.br/jose-antonio-de-abreu-fialho/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ARCHIVOS DE HIGIENE. Jornal do Recife, Recife, 29 ago. 1914, p. 2.

ASSISTÊNCIA ocular nas escolas. Jornal do Recife, Recife, 8 maio 1923, p. 3.

AVISO. A Província, Recife, ed. 17, 20 abr. 1920, p. 1.

CASAMENTO. A Província, Recife, ed. 306, 7 nov. 1914. Notas Forenses, p. 1.

CLÍNICA de olhos do Dr. Isaac Salazar. A Província, Recife, 6 jan. 1922, p. 5.

COLLEGIO Santa Margarida. Jornal do Recife, Recife, 25 out. 1915, p. 4.

COSTA, Regueira. Ao Dr. Isaac Salazar. Diário de Pernambuco, Recife, 26 jun. 1923, p. 3.

COSTA, Veloso. Primeiro professor de oftalmologia. Diário de Pernambuco, Recife, 16 jun. 1989a, p. A-7.

COSTA, Veloso. Salazar e o Padre Cícero. Diário de Pernambuco, Recife, 28 jun. 1989b, p. A-7.

COSTA, Veloso. Oftalmologia e saúde pública. Diário de Pernambuco, Recife, 1989c, p. A-7.

COUCEIRO, Sylvia Costa. A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Anais [...]. São Leopoldo: Unisinos, 2007. v. 7.

DESEMBARGADOR Luiz Salazar da Veiga Pessoa. Jornal do Recife, Recife, ed. 81, 12 abr. 1934, p. 1.

DIOGENES, o clínico de Serra Talhada. Diário da Manhã, Recife, 14 nov. 1946, p. 3.

FALLECEU, no Joazeiro, o Padre Cícero Romão Baptista. Diário da Manhã, Recife, 21 jul. 1934, p. 1.

DIA escolar. Diário de Pernambuco, Recife, ed. 49, 3 mar. 1903, p. 1.

DIRECTORIA de Hygiene. Jornal do Recife, Recife, 18 out. 1918, p. 1.

DOCTORES DE 1925. Diário de Pernambuco, Recife, 11 dez. 1925, p. 4.

DR. ISAAC Salazar. Jornal do Recife, Recife, 9 jan. 1916, p. 2.

DR. ISAAC Salazar. Pequeno Jornal, Recife, 30 mar. 1941, p. 1.

EMAIY, Joseph. Ao illustre medico oculista Dr. Isaac Salazar. Jornal do Recife, Recife, 15 out. 1916, p. 3.

EXAMES. A Província, Recife, ed. 17, 23 jan. 1906, p. 1.

FALECEU o Dr. Isaac Salazar. Diário de Pernambuco, Recife, ed. 75, 30 mar. 1941. Última Hora, p. 2.

FATAL occurencia. Envenenamento quarenta e três creanças mortas como se deu o facto. Jornal do Recife, Recife, 9 set. 1912, p. 1.

FENELON, Sandro. Primeira faculdade de Medicina do Brasil. [S.l.]: [s.n.], 2022.

FAV - FUNDAÇÃO ALTINO VENTURA. Quem somos. Recife: FAV, [2024]. Disponível em: <https://www.fundacaoaltinoventura.org.br/institucional>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GASPAR, Lúcia. Ginásio Pernambucano. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/ginasio-pernambucano/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GOETHE, Paulo. Um repórter nos domínios do Padre Cícero. Almanaque, Recife, 28 jul. 2015. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2015/07/28/um-reporter-nos-dominios-do-padre-cicero/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GOMES, Nicolle. Ginásio Pernambucano caminha para bicentenário como referência no estado. Diário de Pernambuco, Recife, 10 mar. 2025. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2025/03/ginasio-pernambucano-caminha-para-bicentenario-como-referencia-em-pe.html>. Acesso em: 26 abr. 2025.

GYMNASIO do Recife. Jornal do Recife, Recife, 9 nov. 1914, p. 4.

GYMNASIO do Recife. Jornal do Recife, Recife, 8 jan. 1916, p. 6.

HORRÍVEL desastre. Diário de Pernambuco, Recife, 2 jun. 1911, p. 1.

INDICADOR de Kodak. Kodak, Pernambuco, 1916.

INSTRUÇÃO Pública. Jornal do Recife, Recife, 5 set. 1912, p. 2.

JOSÉ, Newton Kara; ABIB, Fernando Cesar; ALVES, Milton Ruiz. Aspectos da história da oftalmologia e do Conselho Brasileiro de Oftalmologia: Política Nacional de Atenção à Oftalmologia. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2018.

JUNIOR, Roberto. Acervo: O Padre Cícero em seus últimos dias. Cariri das Antigas, [S.l.], 21 out. 2021. Disponível em: <http://www.cariridastantigas.com.br/acervo-o-padre-cicero-em-seus-ultimos-dias>. Acesso em: 24 abr. 2025.

MÉDICOS de 1936. Diário de Pernambuco, Recife, 29 ago. 1936, p. 6.

MORAES, Emanuel. Mito industrial e ideologias patronais: o caso do coronel Othon da Fábrica da Macaxeira. CLIO: Revista Pesquisa Histórica, Recife, v. 37, n. 2, p. 160–187, 2019.

MOVIMENTO escolar. Academia do Commercio. Jornal do Recife, Recife, 23 mar. 1916, p. 3.

NOTÍCIAS militares. Jornal do Recife, Recife, 17 out. 1918, p. 1.

O GATUNO das roseiras. Jornal do Recife, Recife, 15 nov. 1915, p. 3.

O PADRE Cicero Romão Baptista foi operado da vista direita, sendo lisongeiro o seu estado. O Jornal, Rio de Janeiro, 15 jun. 1934, p. 1.

PERNAMBUCO. Nomeações. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 ago. 1918, p. 7.

PREDEBON, Gabriel Soares. Uma tragédia esquecida: a gripe espanhola no Brasil. [S.l.]: [s.n.], 2021.

SALAZAR, Isaac. Profissionais – Clínica de olhos do Dr. Isaac Salazar. A Província, Recife, 1 jan. 1927, p. 1.

ROCHA, Leduar de Assis. VII Curso de História da Medicina. Diário de Pernambuco, Recife, 23 jul. 1960, p. 4.

SCARPI, Marinho Jorge. História do tracoma no Brasil. Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, São Paulo, v. 54, n. 5, p. 202–205, 1991.

SILVA, Leonardo Dantas. A resposta do desembargador. Esquina. Diário de Pernambuco, Recife, ed. 19, 16 jul. 1984, p. A-4.

UMA OPERAÇÃO retardada por falta de dinheiro. Diário de Pernambuco, Recife, 10 set. 1944, p. 3.

VALENÇA, Marcelo Moraes; CRUZ, Fernando. José Correia Picanço – um pernambucano que criou as primeiras escolas de Medicina no Brasil. Avanços em Medicina, [S.l.], 2022.